

Restos da missão já estão em Manaus

WTR 000 23

Alvaro Cadus e Renato Theobald A MARCA DA TRAGÉDIA

Enviados Especiais



Os crânios apresentavam, todos, profundas moissas provocadas por pancada

Manaus — Encontrada a última cabeça, poucos metros acima do local onde estavam os demais, na Maloca da Esperança, chegaram domingo a Manaus, em um Catalina da FAB, os restos mortais dos nove expedicionários, em meio a um clima de grande tensão popular.

A descoberta, no sábado, dos crânios e ossos de oito membros da expedição, fraturados em diversos locais, entre os quais já se encontrava o do padre Calleri, segundo os exames efetuados posteriormente, chocou a cidade, levando ao aeroporto, desde a manhã de domingo, centenas de pessoas humildes, que aguardavam a pista à procura de parentes à chegada de qualquer avião.

A CHIACINA

A reconstituição do massacre, segundo o depoimento dos homens do PARA-SAR que resgataram os restos dos nove expedicionários, com a ajuda dos sertanistas João Américo Peret e Gilberto Alves Pinto, demonstra que os atropelamentos ocorreram com muita cautela, eliminando os homens aos poucos, à medida que eles foram chegando à Maloca da Esperança.

Os instrumentos utilizados no massacre foram a borduna, uma espécie de cassetete grosso e pesado, flechas e facão, de acordo com as marcas encontradas nos corpos. A maioria dos crânios encontrados tinham afundamento na parte posterior do lado direito, revelando que os expedicionários foram abatidos por trás, com golpes na cabeça. Outros tinham ainda as costelas fraturadas e marcas de pontas de flecha. O corpo de uma das mulheres tinha várias costelas cortadas com sinais de que recebera golpes de facão.

Presume-se que depois de deixarem a Maloca Queimada, primeiro ponto onde acamparam, os expedicionários fizeram uma caminhada até as proximidades da Maloca da Esperança, onde travaram os primeiros contatos com os índios, que se mostraram amistosos.

O padre Calleri então conseguiu que eles ajudassem no transporte do material do acampamento, negando-lhes uma recompensa imediata pelo trabalho que tiveram e criando, então, as condições para os primeiros atos de desentendimento.

O DRAMA

As 6 horas da manhã de domingo o movimento no Aeroporto de Ponta Pelada já era grande. Gente humilde vinda de todos os lados procura as primeiras informações sobre a chegada dos restos mortais. Mulheres com sete, oito filhos choravam nos cantos cercados por grupos de 20, 30 pessoas silenciosas.

A um canto, Dona Silvana, mulher de Manuel Mariano, chorava com quatro crianças ao seu lado.

— Agora não sei o que vou fazer. Meu marido, que já foi funcionário do Deram, estava desempregado quando lhes convidaram para ir na expedição. Como ele não podia ficar parado, aceitou.

As quatro crianças prestavam atenção a tudo, com seus olhos grandes e abertos.

Um pouco ao lado, D. Sebastiana, mulher de Eduardo, vivia o mesmo drama com seus seis filhos. Cereada de parentes, ela só fazia chorar desesperada.

Surdaram também três irmãos de Marina, uma das mulheres da expedição: Susana, Onita e Francisco Otas da Silva. Gente simples, sem muita instrução, sem saber direito porque fizeram aquela expedição e porque sua irmã foi.

Contaram que Marina trabalhava aqui em Manaus, há muito tempo, como empregada doméstica. Sua patroa confirmou: "Trabalhou oito anos comigo. Era uma moça muito honesta, mas de repente conheceu o Arago, um dos expedicionários, e se apaixonou. O homem prometeu tudo para ela, inclusive casamento na volta da expedição.

A mulher de João Geraldo Mattias, o operador de fôlha, Dona Rosália Florêncio Mattias, está com oito filhos, o mais velho com 12 anos e o mais novo com um ano e três meses, grávida de novo. A família mora num bairro pobre de Manaus, Santa Luzia, e está

esperando o Deram, onde João Geraldo trabalhava como radioperador, lhe dê uma recompensa.

O ENCONTRO

Conduzidos em dois helicópteros Sapo até o local do massacre, foram estes os homens que encontraram os restos dos expedicionários: no SH-1D 8533 estavam o capitão Cordovil, os sargentos Farrá, Cabral e Geraldo e o cabo Heriy; no 8531 foram o major Lessa, o tenente Magalhães, os sargentos Rosendo e Sousa e os sertanistas Peret e Gilbert, fora a tripulação, composta por cinco homens da equipe do SAR, num total de 16 pessoas.

Na clareira os helicópteros pousaram, com a cobertura do búfalo, e os homens se dividiram em três equipes, iniciando a operação-pente-fino, com os grupos se deslocando a pequena distância um do outro.

A região estava toda alagada com a subida das águas do Igarapé de Santo Antônio. Vasculhado o interior e a área próxima das malocas, os homens caminharam até as proximidades do local onde ficou a casa de força.

Margeando o rio, o sertanista João Américo Peret foi o primeiro a ver os ossos. Logo as equipes se reuniram e o trabalho de resgate começou. Alguns dos corpos tinham as mãos amarradas com cipó, havendo indícios de que tinham sido arrastados para as margens do rio, pelo pescoço, do local onde foram abatidos.

O nono corpo, encontrado na segunda batida, domingo cedo, estava na mesma região, só que um pouco encoberto. Foram vistos primeiro a coluna vertebral e omoplata. Um pouco à frente estavam os braços, as pernas e o crânio. Um dos pés, calçado num tênis, ainda tinha carne em decomposição.

Durante todas estas buscas no fim de semana, os índios não foram vistos, acreditando-se que os atropelados com a constante presença de aviões na área, tenham atravessado o Aklauá e passado para o outro lado, onde moram os vaimiris.

Na Maloca da Esperança foram encontrados cachos de bananas maduras, demonstrando que há pelo menos um mês os índios se retiraram de lá.

Alguns pertences da expedição, como enxada e facões, só tinham o cabo. O ferro da ponta foi retirado pelos atropelados para fazer novas lanças, acreditando-se que o mesmo seja feito com o metal do rádio.

A família do padre Calleri, natural de um pequeno lugarejo na província de Cuneo, na Itália, já foi avisada. Seus restos mortais serão levados para serem enterrados em Boa Vista, na Prelazia Consolata.

Seu crânio foi identificado por causa da formação, um pouco maior, e pela existência de um pré-molar de platina, no maxilar inferior.

O DESENCONTRO

O desencontro se deu no aeroporto da Ponta Pelada. Gente humilde e simples esperando seus parentes. Outros, que nada tinham a ver com o caso, apenas curiosos, também presentes.

A FAB, procurando evitar tumultos, não revelou a hora da chegada da Catalina com os restos das vítimas em sacos plásticos. Ao contrário, procurou despistar, informando que chegariam segunda-feira.

O resultado foi que ao surgimento de qualquer avião, a pista do aeroporto era invadida por centenas de pessoas, com grandes riscos para muitas. Primeiro chegou o búfalo. Todos correram, e nada. Depois foram até os aviões comerciais, com os passageiros descendo sem saber o porquê daquela recepção.

A Polícia Militar foi chamada e o Catalina pousou no Cassino dos Oficiais, longe da vista de todos. Os sacos foram retirados e os restos dos expedicionários passados para as urnas e levados para o Instituto Médico-Legal, para reconhecimento, que segundo o médico-legista Rosana da Silva Filho será muito difícil, uma vez que restaram apenas ossos.

Funai e DNER também têm culpa no massacre

Manaus — A responsabilidade pelo fracasso da expedição Calleri não deve ser atribuída apenas ao padre italiano da Prelazia de Roraima. Ao DNER e à Fundação Nacional do Índio cabem boa parcela de culpa, pois concordaram em lhe dar plenos poderes para o trabalho, retirando qualquer apoio de fora à missão.

Os sertanistas e as autoridades responsáveis pelas operações de resgate concordam que o padre falhou tanto para lidar com os indígenas, usando de uma autoridade excessiva, a Funai pecou pela omissão, entregando-lhe todos os poderes, e o DNER errou ao permitir a paralisação das obras de construção da BR-174, cujos trabalhadores, em último caso, poderiam dar cobertura e refúgio aos expedicionários.

RESPONSABILIDADES

Conhecido como homem de grande capacidade para liderar, intrínseca nas posições que detinha, e de muita coragem, o padre João Calleri, segundo a opinião dos sertanistas e conhecedores das costumbres indígenas da região, cometeu um erro fatal na tática que estabeleceu para os primeiros contatos com os indígenas, agindo com muita dureza, e só oferecendo presentes em troca do trabalho dos atropelados.

Acostumados a uma relação diferente com os brancos, dos quais sempre receberam presentes em troca de nenhum esforço, os índios estranharam o novo comportamento, e acabaram por reagir de forma violenta, massacrando os expedicionários.

A excessiva autoridade do padre, que chegou algumas vezes a ameaçar os indígenas em função de fatos considerados de pequena importância, como no episódio em que ameaçou com uma arma de fogo um dos índios porque mexera num prato, contribuiu sensivelmente para agravar as relações, segundo os sertanistas.

A última mensagem do padre, revelada em sua íntegra, mostra nitidamente este comportamento:

— Acabamos de fazer, juntamente com os índios, a segunda e última viagem e o transporte do material, do acampamento do Abonari terceiro. O nosso sistema, nesta expedição preliminar, é o seguinte: mostramos inicialmente que somos trabalhadores e não aventureiros, depois fazemos o índio participar de nossa atividade para que a aprecie e não a destrua, e, por fim, usamos com eles o critério da justa recompensa, e não o da doação.

— Nos primeiros — continua o padre — estamos alcançando bom sucesso. No terceiro item a luta é duríssima; se não voarem as flechas, devemos ao Deus Pai e ao nosso extenuado de vigilância e reflexão. Quase continuamente um homem dentre nós é destacado para o trabalho exclusivo de estudo e planejamento.

— O motivo da enorme dificuldade neste ponto é o seguinte: eles rondam na área do rio Atumã. As poucas vezes que o seringueiro branco, absolutamente impreparado, contactou com eles, por medo deu tudo o que era pedido. O índio que nasceu com medo do branco a esta altura mudou de opinião. Tornou-se prepotente, e no fim, acabadas as mercadorias, tirou-lhe a vida.

Resultado: há 20 anos de história, 40 brancos e 150 silvícolas, do grupo com o qual estamos, foram vítimas de massacres horrendos. Hoje, com a nossa chegada, eles pensaram encontrar os mesmos seringueiros. Estão usando técnicas finíssimas para se mostrarem furiosos e ameaçadores.

— Ontem à noite — diz ainda o padre Calleri em sua última mensagem, no dia 31 de outubro — fomos obrigados a estudar um meio para comprar com objetos todos os artigos do grupo que nos acompanham para podermos viajar mais sossegados.

— Com extrema facilidade passam do sorriso aos gestos mais violentos para nos perturbar. Até que isto seja artificial, continuaremos firmes no nosso princípio: disciplina com a justa recompensa. Hoje de madrugada, um dos nossos melhores deixou a expedição. A realidade é muito difícil. Aqui, a boa vontade, a união e serenidade de toda a equipe é maravilhosa. Saudações, Pe. Calleri.

CONCLUSÕES

De posse destas informações, transmitidas pelo próprio padre, os sertanistas concluem que é fácil constatar que ele tentou impor um tratamento rígido aos índios, que a princípio ficaram desconfiados e acabaram reagindo de forma violenta, trucidando todos os expedicionários.

A mensagem do padre é também considerada importante porque reabilita em parte o único sobrevivente da expedição, o mateiro Paulo Alvaro da Silva, sobre quem pesaram várias acusações durante o transcurso das buscas. Fica definitivamente claro que a princípio permaneceu com a expedição até o dia 31, não fugindo no dia 28, como se inferira anteriormente.

O mateiro nunca esclareceu ainda algumas contradições sem muita importância em seu depoimento, já que no fundamental é o manter nas diversas vezes em que foi reinquirido. Em Moura, base avançada das operações, o major Lessa, comandante dos homens do PARA-SAR, o ouviu diversas vezes, escutando sempre a mesma história. Parece também fora de dúvida que não lhe cabe qualquer culpa no massacre.

O sobrevivente terá que explicar apenas por que afirmou ter perdido todo o material que trouxera em sua fuga, quando em Itacotiara, cidade onde ele chegou, foi localizado um saco com a sua espingarda e numerosos outros objetos, inclusive calças, camisas e dez cortes de fazenda. Para os militares da FAB, é trouxe este material para vender e ganhar alguma coisa.

O tenente Everaldo Ribas, coordenador geral das operações, explica a sua fuga afirmando: "Ele conhece muito bem a selva e sabia dos perigos que estava correndo. Seu instinto de conservação falou mais alto, e ele procurou escapar o mais breve possível."

CUTROS RESPONSÁVEIS

Em suas conclusões sobre o fim da expedição Calleri, os sertanistas afirmam que a Fundação Nacional do Índio, pela responsabilidade que tem no problema, não podia, em hipótese nenhuma, concordar com a exigência do padre e em lhe ceder toda a responsabilidade sobre a preparação e métodos da expedição.

Depois disto tudo, resta saber como ficaram os familiares dos expedicionários, cujas famílias, todas pobres, são numerosas, algumas com seis ou sete crianças menores. Até agora ninguém se pronunciou a respeito.

Investigação mais seria a respeito dos índios da região, já que alguns fatos estranhos foram apurados durante as buscas. Índios das pernas e peitos cabelados foram vistos, e as notícias sobre a existência de um branco entre eles é repetida por muitas pessoas.

Quanto às buscas, o tenente Ribas informou que irá preparar um relatório para as autoridades superiores, analisando todos os fatos e falhas, sugerindo algumas providências que poderão evitar novos massacres. Entre elas está a de que a qualquer atividade ameaçadora dos índios a expedição deve partir que seja resgatada pelo rádio, o que talvez tivesse sido feito agora talvez para salvar os expedicionários. As providências foram tomadas muito tarde.

Primo do Rio quer ver Pe. Calleri

Os restos mortais do padre João Calleri talvez sejam enterrados em Roraima sem a presença de sua família, porque seu único parente no Brasil, padre Angelo Maritano, não conseguiu conduzir pela FAB do Rio para Manaus e espera hoje resposta sobre um voo especial do Ministério do Interior.

O padre Angelo Maritano, que é primo do falecido chefe da missão de pacificação dos acauaris e vaimiris, deverá seguir para os funerais acompanhando os padres Renato Aris-Perotti e Mauro Viválida, nascidos em Manaus, mas que em sua cidade onde nasceu o padre Calleri.

POUCAS CHANCES

Os três padres, que estão radicados em Nova Itabera, na Favela de Heliópolis, estimam com a tarde na Funai para conseguir um voo especial para Manaus, para conseguir as passagens nos aviões do Correio Aéreo Nacional mas esta possibilidade foi quase que totalmente afastada. O voo é amanhã e a FAB exige pelo menos dois dias de antecedência para incluir nomes na lista de passageiros.

O próximo voo será na terça-feira da semana que vem e por isso está sendo tentada uma solução através do Ministério do Interior, embora sem grandes esperanças.

O padre Angelo Maritano, primo do padre João Calleri, a todo momento falava sobre o morto e repetia sempre um fato que reputa interessante:

— Ele sempre pretendia ser missionário. A primeira ideia era partir para a África e para tanto se interessou de todos os problemas ligados a isso. Dentre o material de maior importância estava o livro Canto do Amor na Floresta, de autoria de um missionário da Congregação de Monsenhor Comboni, que teve alguma sorte que meu pai.

— Na última página do livro — acrescentou — o padre Calleri escreveu: "Este é um homem que deve ser seguido até o fim."

SEMPRE ALEGRE

O padre Angelo Maritano diz que seu primo estava sempre de bom humor e não tinha qualquer pensamento pessimista ou de in-

capacidade. "Ele conhecia o que fazia porque teve muitos contatos e leu muito sobre índios."

— Não posso me esquecer — afirmou — quando há 20 anos passados ele percorreu quatro mil quilômetros de bicicleta, pela Itália. Ele não era fantástico nem seqüioso de heroísmo, mas coragem ele tinha muita e amava a Amazônia até não poder mais. Quando decidiu trocar a África pela Amazônia, apareceu em minha casa às cinco horas da manhã e disse que ia partir. Iso foi há quatro anos, em outubro de 1964 — lembrou.

— Ainda me lembro e muito mais agora — disse padre Angelo — das últimas palavras de sua mãe, hoje com 70 anos, ao consolar os parentes quando da partida de nosso primo para o Brasil: "Ele mesmo, quando escolheu essa vida, sabia muito bem dos perigos que ia encontrar, por isso não adianta ficarmos com medo, pois ele sabe o que está fazendo."

SEM COMPREENDER

O padre Angelo Maritano disse não acreditar em muita coisa que foi dita a respeito da missão e, principalmente, da versão apresentada pelo mateiro Alvaro Paulo.

— Ele era um homem extraordinário — afirmou — dono de uma extraordinária força de vontade, como nunca encontrei na vida. Sei que não fez isso por aventura, nem tipo-pouco partiu para os maus tratos com os índios, pois esse não era o seu feito.

Afirma que as cartas que o seu primo lhe escrevia são a principal prova de que muita mentira está sendo dita: "Ele sempre se referia à missão como uma coisa muito grande e de significado especial e frisava sempre que ia partir com a intenção de corrigir todas as injustiças e maus tratos que se havia praticado contra os índios."

— Uma coisa é que me está preocupando: enfrentar a mãe do padre Calleri, Dona Margarida, que não entende bem a grandeza territorial do Brasil e o fato de estarmos separados. Mas, se procurarem encontrar um pequeno livrinho que ele trazia atado ao pulso esquerdo, talvez se encontre alguma explicação para o que ocorreu.

Fundação extingue Inspetoria no Sul

Porto Alegre (Sul) — Desfazendo acordo com o Governo gaúcho, a Fundação Nacional do Índio (Funai) extinguiu sua Inspetoria sediada no Rio Grande do Sul, criando em troca uma delegacia regional em Curitiba.

A nova delegacia terá jurisdição sobre o Rio Grande do Sul, Paraná, Santa Catarina, e São Paulo. A medida foi resolvida pela Funai, através de sua alta direção, e comunicada ao chefe da Setima Inspetoria, Rubens Teixeira Ramos, que foi nomeado recentemente.

Com uma área de ação mais ampla que a atual Inspetoria gaúcha, que se entende ape-

nas até Santa Catarina, a criação da delegacia de Curitiba está sendo apresentada como medida de caráter geral, a ser adotada também em outros Estados.

A atual Setima Inspetoria da Funai está instalada há cerca de um ano em Porto Alegre, porém sua sede anterior já era Curitiba. Atualmente, a Inspetoria tem sob seu controle 25 postos indígenas, inclusive os que recebeu do Governo do Estado.

No momento, técnicos da Funai realizam um levantamento sobre a gestão do anterior chefe daquela representação da Funai, João Alves Ribas, que foi demitido do cargo por incompatibilidade com o presidente do órgão.

00310

AB - 03.12.68